

Jornal da Madeira 10 de Março de 2018

JM



Espectáculo da DSEAM estreou esta sexta-feira

## ‘O ano da morte de Ricardo Reis’ em cena até amanhã

**E**streou na noite desta sexta-feira, no âmbito das comemorações dos 130 anos do Teatro Municipal Baltazar Dias, e volta hoje a pisar este mesmo palco hoje, a partir das 21h00, e amanhã, dia de despedida, pelas 18h00.

‘O ano da morte de Ricardo Reis’ é um espetáculo inspirado na obra homónima do Nobel da Literatura José Saramago, produzido pela Câmara do Funchal e levado a cena pela Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia. A narrativa, construída em torno do heterónimo de Fernando Pessoa, adentra-se num universo povoado por várias linguagens artísticas, nomeadamente teatro, música e dança, colocando em palco cerca de 60 elementos, entre atores, bailarinos e músicos.

### SINOPSE DE CAROLINA CALDEIRA (EXCERTO):

“Quem é Ricardo Reis? Numa encruzilhada entre o “eu” poético, heterónimo de Pessoa, e o “eu” ficcionado, criado por Saramago, surge este novo homem, que regressa a Lisboa.

Após a morte de Pessoa, Ricardo Reis retorna ao berço, mas

não se sente abraçado pela cidade que o viu nascer. O regime de Salazar emudece a sociedade, ensombra os semblantes, desvia as atenções, torna a cidade cinzenta. Ao longe, há gritos de guerra. Alojado num hotel na Rua do Alecrim, conhece duas mulheres: Lídia, uma mulher terrena, prática e sem artifício; a ligação à terra, e Marcenda, frágil, distante, paralisada, e sem entusiasmo: um espelho dele mesmo. Procura Pessoa na tumba, mas não o encontra. Nas esquinas e labirintos da cidade, por vezes entre as sombras, reencontra o Poeta – regressado dos mortos? – e juntos retomam o infinito fio da conversa entre aqueles que se reconhecem, debatem a poesia, o mundo e a essência dessa coisa delicada que é a vida. Num Portugal que não reconhece, Ricardo Reis observa: há fervores religiosos, excessos festivos, horrores ocultos, e um povo que se engana, ao abrigo de um regime que oprime. E observando o homem que observa, os olhos do regime, sempre presentes (...)”

Os bilhetes custam sete euros e encontram-se à venda no local.

JM